

Crítica // O mal não existe ★★

## A didática invasão de um templo natural

Ricardo Daehn

Dois mundos silenciosamente colidem no longa de 2021, *Drive my car*, que popularizou (verdade, que com muita reserva) o cinema do japonês Ryûsuke Hamaguchi, selecionado para competir no restrito grupo de melhores diretores do Oscar, numa ocasião em que venceu estatuetas de melhor filme internacional e competiu como melhor filme. Comparativos podem massacrar um autor de cinema, mas sempre pertinente alertar o espectador do que



IMOVISION/DIVULGAÇÃO

pode ver em *O mal não existe*: pode até não existir; mas filme ruim, sim, esse existe — e pode ser atestado aqui.

Vencedor do Grande Prêmio no último Festival de Veneza, o novo título de Hamaguchi explana, didaticamente, as pretensões dos tentáculos de uma corporação adentrar a exploração predatória de um aldeia de Mizubiki, relativamente próxima de Tóquio. Revelar

como o mercado se comporta e desenhar a dinâmica de implantação da empresa ocupa grande parte da trama. Com um tempo muito peculiar, o diretor, detidamente, mostra as pretensões e as consequências que podem derivar do glamping, um conceito de acampamento com acentuada pegada no quesito glamour. Com objetividade, os intrusos trazem civilidade e educação,

camuflada de interesse em considerar opiniões alheias. Numa rasteira, colhem a hostilidade e a agressão dos precavidos cidadãos.

Com a antevisão de doenças e de ataques à estrutura do habitat natural do vilarejo, o filme vem impregnado com latente fatalidade dissolvida em leves pistas de que algo já não anda bem. A conta-gotas, brota a sensação de conto de terror.

O mal não existe: filme japonês exige paciência do espectador

02 PLAY/DIVULGAÇÃO

Filme *Votos*, vencedor do Denver Movie Awards

ARTHOUSE/DIVULGAÇÃO



Fausto Fawcett na cabeça: obra examinada

## Uma questão de vocação

Vidas em mosteiros e abadias podem ser um mistério completo, especialmente para quem não tem por costume o culto a grandes devoções e entregas religiosas. Foi a partir dessa premissa que a diretora carioca Ângela Patrícia Reiniger se dedicou

ao documentário *Votos*, vencedor do Denver Movie Awards e exibido na 46ª Mostra de São Paulo.

Corroteirizado por Daniella Machado e Ângela Patrícia Reiniger, o longa trata do compromisso perpétuo abraçado com a conversão de costumes, ato

não muito comum na contemporaneidade. Prosperar entre traços de pobreza, castidade obediência e estabilidade está na meta de muitos dos entrevistados. Formada PUC, vale a lembrança, Ângela Patrícia Reiniger é ex-produtora da MTV e traz no currículo *Três irmãos de sangue*, primeiro longa dela (produzido há 19 anos).

## Musas futuristas

Depois dos longas *Betinho*, *a esperança equilibrista* e *As aventuras de Agámenon, o repórter*, o diretor Victor Lopes apresenta o documentário *Fausto Fawcett na cabeça*. No longa, ele traz o que chama de “uma ópera doc” de contornos futuristas.

Premiado no Fest Aruanda, festival paraibano de cinema com filmes de projeção nacional, o título avança nas inquietações letras musicais do autor de sucessos entre os quais *Rio 40 graus* e *Kátia Flávia*. Criador alinhado à amiga Fernanda Abreu, Fawcett tem na produção escrita cinco romances. O chamado “filme-transe”, nos cinemas, trata disso também. (RD)